JORNAL DA PUC

Vice-Reitoria para Assuntos Comunitários Ano XXX Nº 307 30 de agosto de 2017

Vida dedicada à religião e à Universidade

Padre Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, S.J, celebra jubileu de sacerdócio em 2017

Presidente da Mantenedora da PUC-Rio e da Fundação Padre Leonel Franca, padre Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, S.J., completa 50 anos de sacerdócio este ano. A aproximação do religioso com a fé católica começou quando ele ainda era estudante de Engenharia Elétrica, em 1954. Hoje professor emérito da PUC-Rio, padre Pedro já ocupou cargos como o de Vice-Decano do Centro Técnico Científico (CTC) e Vice-Reitor da Universidade. Além das funções pedagógicas e administrativas, o sacerdote foi um dos principais responsáveis pela construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. **PÁGINA 3**

ISABELLA LACERDA

Religioso é Professor Emérito do Departamento de Engenharia Elétrica

Símbolo de luta e resistência contra a escravidão na cidade

Conhecida como lugar de lazer, a Zona Portuária do Rio Janeiro abriga mais que um ambiente para diversão e festas. A Pequena África, situada na região, compreende o Cais do Valongo, o Instituto dos Pretos Novos, o Largo São Francisco da Prainha e a Pedra do Sal, espaços de memória do combate à escravidão no Brasil. Além de contar parte da história de um povo, o local é importante para a formação cultural da cidade e do país. **PÁGINAS 6 E 7**

MATHEUS AGUIAR

O Jardim Suspenso do Valongo abriga a Casa da Guarda e foi construído no início do século passado

Software disponível fora da sala de aula

Antes utilizada apenas nas salas de aula, a ferramenta Ftool agora está à venda no mercado profissional pelo valor de R$60 por ano. Mas a edição acadêmica continua de graça. O programa foi criado para simular e analisar o comportamento de estruturas. Ele também agiliza os cálculos **PÁGINA 5**

Habilidades descobertas pelo diálogo

O Núcleo de Orientação e Atendimento Psicopedagógico (Noap) proporciona aos alunos da Universidade serviço de atendimento vocacional. A base do programa é uma série de conversas para que o estudante possa adquirir o autoconhecimento. **PÁGINA 8**

Estudo para controlar o desperdício

Pesquisadores do Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente (Nima) buscam aprimorar o sistema de monitoramento de colheita urbana, ao comparar hortas criadas pela equipe. A análise do plantio será incluída em um software para diminuir o desperdício. **PÁGINA 10**

REITOR

Em mensagem de boas-vindas ao segundo semestre letivo de 2017, o Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., ressalta a variedade de áreas de ensino que o Campus tem e valoriza a importância de uma formação humanística, fruto de um ensino interdisciplinar. **PÁGINA 2**

REITOR

Confirmar, amadurecer e aperfeiçoar

Ao iniciarmos o segundo semestre letivo de 2017, sempre é bom recordar o que está em curso na rotina criativa da PUC-Rio, e também aquilo que desejamos amadurecer e aperfeiçoar como meta de longo prazo.

A história tem mostrado que a PUC-Rio vem se destacando a cada ano como uma Universidade de pesquisa, cujos recursos de projetos ocupam lugar considerável no orçamento da instituição. Este fato nos diferencia de outras universidades confessionais, fruto de uma pós-graduação de excelente qualidade, destacando-nos nos rankings nacional e internacional. Temos que apoiar, manter e aperfeiçoar este modelo, pois o mesmo tem sido inspirador para outras instituições no Brasil e no exterior.

Nos últimos anos, as dimensões da sustentabilidade econômica e socioambiental têm crescido na PUC-Rio, colocando-nos nos rankings das Universidades sustentáveis na América Latina, em posição de destaque. A sustentabilidade econômica é mantida com estruturas espartanas, menos burocráticas, liberdade responsável, controle de gastos e investimentos limitados, evitando desperdícios, dívidas e aventuras comprometedoras no orçamento geral da instituição. A sustentabilidade socioambiental vem crescendo tanto na manutenção das ações inclusivas dos programas de bolsas e projetos sociais mantidos pela Universidade, como também pelo apoio de ações e projetos em meio ambiente. Embora tenhamos muito a crescer como instituição ambientalmente sustentável, o nosso campus universitário e demais unidades extra campus têm mostrado melhoras no que diz respeito à economia de energia, a manutenção e melhoria da biodiversidade, o uso de materiais reciclados, os processos de educação ambiental, a ampliação de áreas de convivência e estudo etc. Tudo isso deve-se ao crescimento da consciência socioambiental na PUC-Rio, cuja agenda ambiental está sendo revista e ampliada.

Embora tenhamos muito a crescer, a dimensão interdisciplinar e interdepartamental vem se ampliando de maneira significativa na Universidade, tanto em nível acadêmico, como em projetos de pesquisa. O modelo PUC-Rio favorece o diálogo maior entre os vários campos dos saberes científicos, ainda que tenhamos de enfrentar muitas barreiras nos sistemas externos de avaliações fragmentados por áreas e comitês específicos. Temos que continuar insistindo nesta meta, pois ela dará aos nossos alunos no futuro, uma visão mais sistêmica da complexidade dos problemas, onde a especialidade em cada área científica está associada a uma visão mais ampla das interrelações entre vida acadêmica e vida profissional.

Finalmente, gostaria de chamar atenção sobre a importância da formação humanística em nossa Universidade, pois teremos que investir mais neste aspecto, embora alguns passos têm sido dados pelas parcerias entre o CTCH e o CCS. A crise ética e de valores em que vivemos no contexto mundial e nacional, exige de nós uma atenção maior nas humanidades. Temos que formar tanto bons profissionais e pessoas empreendedoras e inovadoras, como também seres humanos mais imbuídos de princípios e valores de maior profundidade, que saibam dialogar e conviver com a pluralidade de ideias e opções.

Que possamos unir esforços para confirmar aquilo que conseguimos com a participação de todos, amadurecendo as opões exitosas e aperfeiçoando as nossas metas para o futuro.

PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

Educação Básica no Brasil, ainda um desafio

Creio que não haja tema mais batido, falado, debatido do que a educação no Brasil. É quase unanimidade que este é um tema prioritário para o país. No entanto, ainda avançamos a passos lentos.

Metade das escolas do Ensino Fundamental não possui bibliotecas, mais da metade não possui salas de informática. Nas escolas com os anos finais do Ensino Fundamental apenas 25% possuem laboratório de ciências. Entre os países da OCDE estamos entre os últimos países no ranking do PISA.

Esta lentidão é devida ao grande número de visões a respeito do assunto. Este "impasse" é paralisante.

Eu gostaria de acrescentar um aspecto que contribui para esta inação. A falta de cultura com projetos de longo prazo. A educação básica dura cerca de 15 anos. Ou seja, leva 15 anos para ver se as mudanças funcionaram ou não. Projetos de longo prazo tem maiores chances de serem bem sucedidos se algumas premissas forem seguidas.

Primeiro, é necessário uma visão única, alinhada entre as partes interessadas. Em segundo lugar, a liderança do projeto precisa garantir que todos permaneçam fieis a esta visão ao longo da implementação. Com gente remando contra fica mais difícil.

Em terceiro lugar, é necessário que se defina, de forma clara, quais os critérios que serão considerados para se avaliar o sucesso do projeto.

Por fim, deve-se implementar um sistema de governança para garantir um acompanhamento sistemático dos resultados intermediários, de obediência aos prazos e ao orçamento.

Os avanços na educação brasileira serão alcançados quando se tiver minimamente esta disciplina. Um projeto de 15 anos significa que vai atravessar 4 governos. A permanência da equipe de liderança ao longo desses 15 anos será fundamental para o sucesso.

Uma coisa é certa o modelo atual não pode ser considerado bem sucedido.

LEONARDO GRYNER
CONSELHEIRO DA AAA-PUC-RIO

www.aaapucrio.com.br

CRÔNICAS DE MEMÓRIA
Memórias do mundo do trabalho

Os fantasmas e o mundo do trabalho

ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL

A CRUZ

ANO XLIV | Rio de Janeiro, 9 de Fevereiro de 1964 | N. 2.433

SINDICALIZAÇÃO EM MASSA DE OPERÁRIOS CRISTÃOS

O Cardeal Câmara recomenda aos Vigários colaboração com os Círculos Operários

Manchete do jornal católico 'A Cruz'. 9 de fevereiro de 1964

Em "O novo Século", Hobsbawm aborda a tendência de se tentar prever o futuro. Seria impossível fazer previsões sem atenção aos acontecimentos do passado. A bola de cristal do historiador é turva sem conhecer o caminho já trilhado.

No Brasil pós 1964, a questão da segurança nacional torna-se central na lógica bipolar do período. Buscando apoio, o Estado encontrou em setores da Igreja Católica aliados na campanha de difusão, em particular entre as classes trabalhadoras, do repúdio ao ideário considerado comunista. Em suas esferas de influência, tais setores disputavam as lideranças do mundo do trabalho. Já em 1958 havia sido criada pelo Pe. Velloso S.J. a Escola de Líderes Operários na PUC-Rio, que originou outras 16 Escolas semelhantes em todo o Brasil.

Alta taxa de desemprego e aumento do trabalho informal, desregulamentação dos direitos trabalhistas e movimentos grevistas poderiam estar restritos aos livros, não fossem também realidade em 2017. Assistimos a uma crescente radicalização conservadora, no Brasil e fora dele. Nas eleições de 2014 ressurge a referência à esquerda como um fator de insegurança institucional, opinião que ganha as ruas nos protestos de março de 2015. Na agenda neoliberal, o desmonte de direitos trabalhistas e sociais obtidos arduamente é justificado como forma de conter uma crise que não foi causada por aqueles a quem essas medidas afetam.

Se no passado ser de esquerda parecia incompatível com ser cristão, hoje o discurso da Igreja Católica é mais voltado para a inclusão e a tolerância. Nem tudo são flores, mas a Igreja busca não beber mais o vinho de cálices do passado.

Tempos de crise podem ofuscar o discernimento dos menos propensos a ver os eventos passados como algo além de episódios datados. Até o momento, não é possível ler em uma bola de cristal as perspectivas futuras para o mundo do trabalho nem que lugar estará reservado para uma universidade como a PUC-Rio.

YASMIN GETIRANA
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC
Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COMUNICAR - Vice-Reitor Comunitário: Prof. Augusto Sampaio. **Coordenador-Geral:** Prof. Miguel Pereira. **JORNAL DA PUC - Jornalista Responsável e Editora:** Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). **Subeditora:** Profª. Adriana Ferreira. **Chefe de Reportagem:** Profª. Rocélia Santos. **Editores de Arte:** Profª. Mariana Eiras e Prof. Diogo Maduell. **Conselho Editorial:** Professores Adriana Ferreira, Augusto Sampaio, Fernando Ferreira, Julia Cruz e Miguel Pereira. **Anúncios produzidos pela Agência.Com. Coordenadora-Administrativa:** Rita Luquini. **Redação e Administração:** Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. **Telefone:** 3527-1140. **E-mail:** jornaldapuc@puc-rio.br. **Impressão:** gráfica Folha Dirigida.

Trajetória: Presidente da Mantenedora da PUC e da Fundação Padre Leonel Franca iniciou carreira na Universidade em 1954

Comunhão afetuosa entre a fé e o ensino

Padre jesuíta completou 50 anos de sacerdócio em julho

ISABELLA LACERDA

Padre Pedro em frente ao mosaico da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. A construção do prédio ocorreu graças ao empenho do religioso

ERICK FOTI

Quando ingressou como estudante no curso de Engenharia Elétrica em 1954, padre Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, S.J., hoje Presidente da Mantenedora da PUC-Rio e da Fundação Padre Leonel Franca, provavelmente não esperava ter uma história com mais de 60 anos na Universidade. Aos 82 anos, celebrados no dia 7 de agosto, padre Pedro coleciona uma extensa galeria de memórias obtidas ao longo dos anos em que ocupou diferentes cargos na PUC-Rio, dentre eles Vice-Decano do Centro Técnico Científico (CTC), de 1982 a 1983, e Vice-Reitor da Universidade, de 1995 a 2004. O sacerdote, que decidiu ser religioso durante a graduação em Engenharia Elétrica, celebra 50 anos de sacerdócio em 2017.

Enquanto cursava o quinto ano de Engenharia Elétrica, padre Pedro interrompeu os estudos para se dedicar à fé, tornando-se jesuíta. Depois da ordenação sacerdotal, ele retomou os estudos na Universidade e se formou em 1961. Padre Pedro afirma que, na época, já sabia que seria designado para a PUC-Rio e demonstra muito carinho e apreço pela Universidade.

– Eu já estava com o meu foco na Universidade e sabia que seria destinado para a PUC. Esse lugar é uma parte essencial da minha vida desde 1954. Exceto pela religião, posso dizer que a PUC é o centro da minha vida. Sempre gostei muito daqui e faço o meu trabalho com muito prazer.

O jubileu de sacerdócio foi festejado no dia 29 de julho, com uma missa na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, no campus da PUC-Rio. Inaugurada em 2003, ela foi financiada exclusivamente com doações de fiéis e construída graças à dedicação de padre Pedro. Feliz com o resultado, ele qualifica todo o processo que envolveu a comunidade como uma iniciativa muito bonita e destaca a velocidade com que foi concretizado o projeto.

– A arrecadação de recursos para a igreja começou nos anos 1990 e ela ficou pronta em relativamente pouco tempo. Em oito anos, lançamos a pedra fundamental e, dois anos depois, a igreja começou a funcionar. Além de um local adequado para a celebração de missas, ganhamos um espaço na Universidade que hoje abriga a pastoral no subsolo da Igreja.

Além das funções administrativas que exerceu, o sacerdote também é Professor Emérito do Departamento de Engenharia Elétrica e lecionou na graduação e na pós-graduação. Como professor, ele diz que gostava de atuar em pesquisas e lembra, com humor, da relação que tinha com os alunos. Segundo ele, durante as aulas, mesmo de costas para a classe, escrevendo equações no quadro-negro, conseguia identificar quem precisava baixar o volume da voz. Ainda descontraído, revela que alguns estudantes pareciam ter habilidades especiais para copiarem respostas durante os exames.

– Me lembro de um aluno que tinha um olho incrível. Enxergava tudo de longe. Nos dias de prova, eu o colocava bem afastado dos outros estudantes para que não copiasse as respostas. Parecia que ele tinha um olho biônico. São coisas muito engraçadas que levo da minha relação com os alunos.

Entre os cargos ocupados durante os anos em que esteve na Universidade, o sacerdote revela ter gostado especialmente de ter sido Vice-Decano do CTC. Apesar de considerar ter exercido a função por pouco tempo, um ano, padre Pedro diz que a experiência foi boa para aprender um pouco mais sobre os critérios de avaliação necessários para que uma universidade como a PUC-Rio seja considerada referência em pesquisa. Segundo ele, é essencial que os departamentos busquem contratar professores melhores do que os anteriores na renovação do corpo docente.

Coordenador da Comissão de Seleção da Academia Nacional de Engenharia (ANE), padre Pedro nutre grande admiração pelo Departamento de Engenharia Mecânica que, segundo ele, é talvez o melhor do Brasil. O cargo ocupado pelo sacerdote na ANE o faz ter proximidade com esse tipo de avaliação, pois é uma das responsabilidades da comissão, que influencia nas bolsas de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

– Mesmo formado em Engenharia Elétrica, tenho grande admiração pelo Departamento de Engenharia Mecânica. Para mim, ele compete com o da Unicamp pelo posto de melhor do Brasil. É absolutamente fantástico. Eles têm professores de excelência. Isso tudo reflete na nota pela bolsa de pesquisa do CNPq.

> **“Exceto pela religião, posso dizer que a PUC é o centro da minha vida”**
>
> Padre Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, S.J.

Tecnologia: Aplicativo planejado por alunos de engenharia alcança primeiro lugar em maratona de programação

Estreia vitoriosa no HackPUC

Estudantes desenvolvem programa de vantagens para lojistas e clientes

FERNANDA MAIA

Igor Lins e Dominique Deschatre, namorados e desenvolvedores do software Clube de Vantagens Cielo Lio

EDUARDO DINIZ

Um aplicativo desenvolvido como alternativa aos grandes programas de recompensas, que oferece maior inclusão aos empresários de pequeno e médio porte, conquistou o prêmio de primeiro lugar no Hackathon, a maratona de programação do HackPUC. Os criadores são dois alunos da Universidade, o estudante de mestrado em Engenharia Elétrica Igor Lins e Silva e Dominique Deschatre, que estuda Engenharia de Produção. Eles produziram o software Clube de Vantagens Cielo Lio, cuja proposta é funcionar nas novas máquinas de pagamento da empresa, que agora contarão com uma loja de aplicativos na qual os donos de estabelecimentos comerciais poderão baixar diferentes programas para melhorar as vendas.

Os participantes tinham 36 horas para criar uma fintech, um sistema que envolvesse tecnologia e mercado financeiro. O festival, considerado o maior hackathon universitário do país, ocorreu pela quarta vez na PUC-Rio, durante dois fins de semana do mês de julho, nos pilotis da Universidade.

O processo de criação foi dividido em três partes: o site para o lojista se cadastrar, o aplicativo para a máquina e o aplicativo para o celular dos clientes, todos desenvolvidos durante as 36 horas de maratona. No site, o comerciante se cadastra e mostra quais recompensas deseja oferecer em seu estabelecimento. Já no aplicativo para a máquina, o desafio foi construir um sistema em que fosse possível ler os códigos de resgate gerados pelo aplicativo no celular do cliente e que fosse seguro, uma vez que a própria Cielo delimitava quais recursos e bibliotecas poderiam ser usadas durante o pagamento. O aplicativo de celular para o cliente, por sua vez, foi pensado para oferecer uma experiência simples e benéfica para o usuário. Ele tem três telas: uma que mostra os pontos ganhos e as recompensas disponíveis, outra com um mapa dos estabelecimentos comerciais próximos que participam do programa e uma terceira com configurações de conta.

Segundo Dominique, um dos benefícios para o comerciante é que o estabelecimento também acumula pontos e pode fazer o resgate do benefício em qualquer outra loja participante, assim como os clientes. Ela explica que, por exemplo, quando um cliente resgata alguma recompensa em uma certa loja, o dono desse ponto de vendas ganha pontos para serem gastos em qualquer outro local, tornando o comerciante também um participante do clube de vantagens. Isso vai incentivar cada vez mais os comerciantes a oferecerem uma gama maior de recompensas. Para Dominique, o grande diferencial desse programa de vantagens é a possibilidade de inclusão de pequenos e médios empresários.

> **“Estrear com o primeiro lugar é estimulador. Queremos participar de todos”**
>
> Igor Lins

– O mercado atual no ramo é dominado por grandes empresas que, quando decidem criar algum sistema de recompensa para os clientes, convidam apenas outras empresas igualmente grandes, e deixam de fora os lojistas de pequeno e médio porte. Com o Clube de Vantagens, qualquer pessoa que tenha a máquina de pagamentos pode participar, e há ainda um intercâmbio de pontos, uma vez que as recompensas podem ser resgatadas em qualquer ponto participante.

Igor relata que os clientes também contam com um sistema de proteção de pontos, que garante que qualquer compra efetuada em máquinas gere pontos, mesmo antes de fazer o cadastro no site. Ele descreve que, ao passar o cartão em um ponto de vendas válido, o aplicativo para a máquina reconhece o chip e gera a recompensa, que é guardada até o cliente cadastrar o cartão no Clube, diferente de outros programas, que começam a contar os pontos a partir do momento em que o cadastro é efetuado.

Os estudantes, que são namorados, garantem que alcançar a vitória não foi fácil. Três dias antes do início da maratona, os outros dois participantes do grupo desistiram ao saberem o tema, que só foi divulgado na véspera do Hackathon. O quarteto planejava criar um drone que funcionasse por comando de voz e foi surpreendido ao saber que deveriam desenvolver uma fintech. A máquina da Cielo Lio só chegou fisicamente no sábado à tarde, quando já tinham se passado mais de 15 horas de concurso, o que os levou a trabalhar sem saber exatamente como funcionava o sistema no qual o aplicativo deveria ser implantado. Apesar das dificuldades, Igor relata que ganhar a maratona de programação foi a realização de um sonho.

– Sempre quisemos participar de um Hackathon, só estávamos esperando a oportunidade. Esse foi o primeiro que finalmente nos inscrevemos. Estrear com o primeiro lugar é estimulador. Queremos participar de todos.

O projeto foi escolhido pela m4u, empresa do grupo Cielo para desenvolvimento de sistemas digitais, como o vencedor da maratona baseado em quatro critérios: originalidade, dificuldade tecnológica, viabilidade tecnológica e utilidade. Igor e Dominique ganharam ainda o prêmio de R$ 10 mil e a oportunidade de apresentar o programa de forma mais detalhada para a Cielo.

Inovação: Ferramenta desenvolvida por professor é comercializada para o mercado de Engenharia Civil e Arquitetura

Ftool: ao alcance de alunos e profissionais

O software já obteve mais de 500 mil downloads no Brasil e no exterior

MATHEUS AGUIAR

O professor Luiz Fernando Martha criou o programa com objetivo de melhorar o ensino acadêmico das aulas de estruturas em Engenharia Civil

KAREN KRIEGER

A ferramenta que simula e analisa o comportamento de estruturas, Ftool, agora está disponível para profissionais e estudantes dentro e fora das universidades. A versão avançada apresenta estruturas adicionais a que é grátis. O programa custa R$60 por ano e já teve mais de 500 mil downloads, tanto no Brasil como em outros países, como Portugal, Itália e Estados Unidos. O próximo passo é desenvolver novas versões que rodem em smartphones e tablets.

Criada pelo professor Luiz Fernando Martha, do Departamento de Engenharia Civil, a ferramenta Ftool é utilizada em todos os cursos de Engenharia Civil e em alguns de Arquitetura. Com o objetivo de facilitar o ensino, a versão acadêmica se mantém gratuita. O professor Martha afirma que essa iniciativa de comercialização tem como meta financiar o aprimoramento da versão básica.

– Antes, eu só pensei em fazer a versão acadêmica. Mas pelo marketing barato, devido à popularização da ferramenta, ela se disseminava rápida e sozinha. Eu tive a ideia de lançar a versão avançada para ser comercializada, assim, poderíamos ter financiamento para continuar. Seria um autofinanciamento para conseguirmos melhorar a versão acadêmica, que continua gratuita, e desenvolver versões para smartphones e tablets. O mais difícil, que era conseguir um mercado, eu já consegui.

Depois de 25 anos de concepção, o Ftool tem auxiliado os alunos durante as aulas. Ele oferece uma facilidade de aprendizado pela sua interface gráfica, que ajuda a visualização dos alunos, e pela portabilidade, isto é, ela é compatível para qualquer sistema operacional de computadores.

– O Ftool facilitou o desenvolvimento das figuras do livro. O programa também ajudou a visualização das estruturas e aumentou a rapidez dos cálculos. As aulas ficaram mais dinâmicas e com mais conteúdo.

O programa foi iniciado dentro do Instituto Tecgraf e, segundo Martha, a elaboração da ferramenta foi beneficiada pelo ambiente do local. O instituto, que cria softwares para outras empresas, como a Petrobras, nunca teve um programa comercializado para um público mais amplo.

> **“É uma realização como profissional, engenheiro e autor”**
> Luiz Fernando Martha

– É algo novo para o Tecgraf, pois, em 30 anos, ele apenas desenvolvia softwares sob encomenda. Esse é o primeiro a ser comercializado de varejo.

O professor Júlio Holtz, de Estruturas de Concreto Armado II, do Departamento de Engenharia Civil e Ambiental, utiliza em sala de aula a Ftool. Ele observa como a ferramenta melhora o aprendizado. Segundo Holtz, ela facilita a compreensão dos alunos e é um auxílio importante no momento de conferir se o cálculo feito manualmente está correto.

– É muito importante professores pesquisarem sobre meios de melhorar as aulas, pois essas ferramentas interativas despertam muito mais o interesse dos alunos do que ficar olhando contas no quadro.

Os alunos também acham positivo a utilização do programa nas aulas. Aluna do 10º período de Engenharia Civil Alessandra Rosso di San Secondo afirma que o Ftool auxilia na visualização das estruturas estudadas em sala.

– O programa ajuda nos trabalhos, pois várias matérias de Engenharia Civil pedem para fazer análises de estruturas e ver comportamento delas utilizando o Ftool.

Martha confessa que não esperava que o Ftool fizesse tanto sucesso, especialmente fora do campus da PUC e até mesmo do Brasil. Ele conta como é bom ver o resultado de uma pesquisa dele ser usado por milhões de pessoas.

– Eu fiquei surpreso com a quantidade de pessoas que estavam baixando o programa, mais de 500 mil downloads. É muito bom esse desenvolvimento de programas ser feito dentro de uma universidade, é um desenvolvimento para a sociedade. É uma realização profissional como professor, como engenheiro e como autor.

Pequena África

Passado e presente na busca de um novo significado para a região

LUCAS SIMÕES

Reduto do samba carioca, a Pedra do Sal está entre os lugares que celebram a herança do povo africano

ELISÂNGELA ALMEIDA

Lugar de luta e resistência que marcou a história da cidade e, principalmente, dos negros, a área que abrange desde a Zona Portuária até a Cidade Nova, conhecida como Pequena África, hoje é lugar de encontros de turistas e moradores que buscam diversão no Rio de Janeiro. Apesar das iniciativas de revitalização do local, ainda são poucas as ações para resgatar a memória do povo que fundou a região, que tem como principal referência o Cais do Valongo, declarado recentemente Patrimônio Histórico da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Segundo historiadores, o Cais do Valong foi o maior porto atracador de navios negreiros da América Latina. Construído no fim do século XIX, ele recebeu mais de 1 milhão de pessoas entre os anos de 1774 e 1831. No ano de 1843, ele foi reformado para a chegada da Imperatriz Tereza Cristina, futura mulher do Imperador Dom Pedro II, e passou a se chamar Cais da Imperatriz.

Nomeado de Pequena África pelo compositor Heitor dos Prazeres e eternizado por historiadores, o local tem apenas um museu e um centro cultural que buscam resgatar a cultura negra e sua importância social. O nome Pequena África, segundo o professor Romulo Mattos, do Departamento de História da PUC-Rio, é uma construção histórica de intelectuais dos anos 1980, que buscavam compreender a experiência social do negro na Zona Portuária.

O território é revelado no tempo por meio de um marco: o fim da escravidão no Brasil, que fez com que muitos negros libertos se mudassem para a cidade, que era a capital do país e referência cultural e econômica. Quando já estavam no Rio, eles se instarlaram principalmente na Zona Portuária, onde já existia uma comunidade africana pré-estabelecida, como afirma Mattos.

– Essa região foi se assentando ali, como um espaço importante de vivência, de experiência do negro desde o fim século XIX. Com o tempo, logicamente que essa experiência do negro vai sendo enraizada na região, por elementos como as festas, por meio do mercado de trabalho, e, porque ali é a região portuária.

Vindos de todas as partes do país, em especial da Bahia, os africanos aportavam no Cais do Valongo, de onde já eram avistados pelos negros residentes do Morro da Conceição. Em busca de ocupação, os escravos libertos encontravam trabalho principalmente na estiva. Além de ser uma atividade desvalorizada no contexto da Primeira República, ela remontava à organização de trabalho da escravidão.

A grande concentração de negros na Zona Portuária garantiu a ascensão da cultura africana, por meio dos centros de candomblé, das casas das baianas, onde havia festas com

MATHEUS AGUIAR

O Largo São Francisco da Prainha reuniu sambistas e compositores famosos, entre eles Pixinguinha

MATHEUS AGUIAR

Aterrado duas vezes, o Sítio Arqueológico do Valongo conta parte da história de escravidão no Brasil

comidas típicas. Entre elas está a famosa Tia Ciata, eternizada no livro *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*, do professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) e cineasta Roberto Moura. Segundo Mattos, compositores e cantores influentes, como o próprio Heitor dos Prazeres, residiam na região ou, quando não, a frequentavam.

– A moderna cultura carioca é altamente tributária do cotidiano dos negros, no que chamamos de Pequena África do Rio de Janeiro. A história do samba é muito tributária dessa experiência sociocultural subalternizada, de negros e brancos, mas especialmente de negros na região portuária e das suas festas, das suas tradições culturais e religiosas. Sua importância histórica para a região é porque dali saiu o que hoje a gente chama de moderna cultura carioca. O samba, por exemplo, obteve influência nas casas das tias baianas e nas festas que lá ocorriam.

A Pequena África influenciou não só a cultura da cidade, mas do país, aponta o professor Romulo Mattos. Ele afirma que na Era Vargas, quando ocorreu a tentativa de criar uma identidade nacional, foi utilizada a concepção carioca de cultura, que estava diretamente ligada ao negro daquela região.

Para Matos, o passado de morte da Pequena África é algo pouco abordado nos tempos atuais de turismo e comércio da região. O professor explica que cultura positiva e memória de dor se misturam, pois, se de um lado está a Pedra do Sal, reduto do samba carioca, o Largo São Francisco da Prainha, os Jardins Suspensos do Valongo, do outro existe o pouco conhecido Cemitério dos Pretos Novos, onde hoje funciona o Instituto dos Pretos Novos (IPN).

Alguns africanos que aportavam no local com doenças eram abrigados nas chamadas Casas de Engorda, onde recebiam cuidados para serem vendidos pelas ruas da cidade. Os que não vingavam, ou não conseguiam ser vendidos, eram enterrados no Cemitério dos Pretos Novos, que recebeu esse nome justamente por abrigar africanos não escravizados. De acordo com Mattos, o modo de sepultamento, que não atendia às tradições ancestrais dos negros, mostrava uma faceta violenta da escravidão, que é a banalização da morte, e a percepção que os brancos da época tinham em relação ao corpo e aos objetos dos africanos. Eles poderiam ser descartados quando não fossem mais produtivos aquela sociedade.

Durante a Primeira República, no fim do século XIX, a região passou a ser estigmatizada pela grande concentração de negros. Matos explica que a Pequena África é relevante para a moderna cultura carioca e que, apesar de todo destaque que se dá ao local, é preciso desconstruir o conceito de Pequena África como algo bom, sem, contudo, apagar a história do negro na cultura do Rio de Janeiro. Para o professor, é preciso considerar a diversidade que a região da Zona Portuária teve e que resiste até os dias atuais, e relembrar também a história de luta do povo africano.

– É preciso tomar cuidado. Isso é uma construção histórica. E ela responde a questões importantes, que é o não apagamento da história dos negros na memória cultural no Rio de Janeiro. Mas, por outro lado, os historiadores têm que desconstruir essas construções históricas, de acharem que havia realmente um pedaço de África ali.

Cais do Valongo

Por decreto do Vice-Rei, Marquês do Lavradio, o porto do Rio de Janeiro foi transferido em 1774 para a região do Valongo, com o intuito de retirar da Praça XV o comércio de negros que desgastava a imagem da cidade. Com o novo cais, o tráfico de africanos também mudou, e assim nasceu a Rua do Valongo, atual Rua Camerino, onde foi criado um mercado direcionado para a escravidão.

O Cais do Valongo se tornou ponto central da região que atualmente é conhecida como Pequena África, no Rio de Janeiro. Para a professora Iamara da Silva Viana, do Departamento de História, a escolha do lugar como Patrimônio Histórico é tardia, diante da importância dele. Segundo Iamara, a seleção é fundamental não somente para os descendentes dos negros escravizados, mas para todos os brasileiros. Ela acredita que lugares como o Cais devem ser lembrados pelo passado de morte e para que a história não se repita.

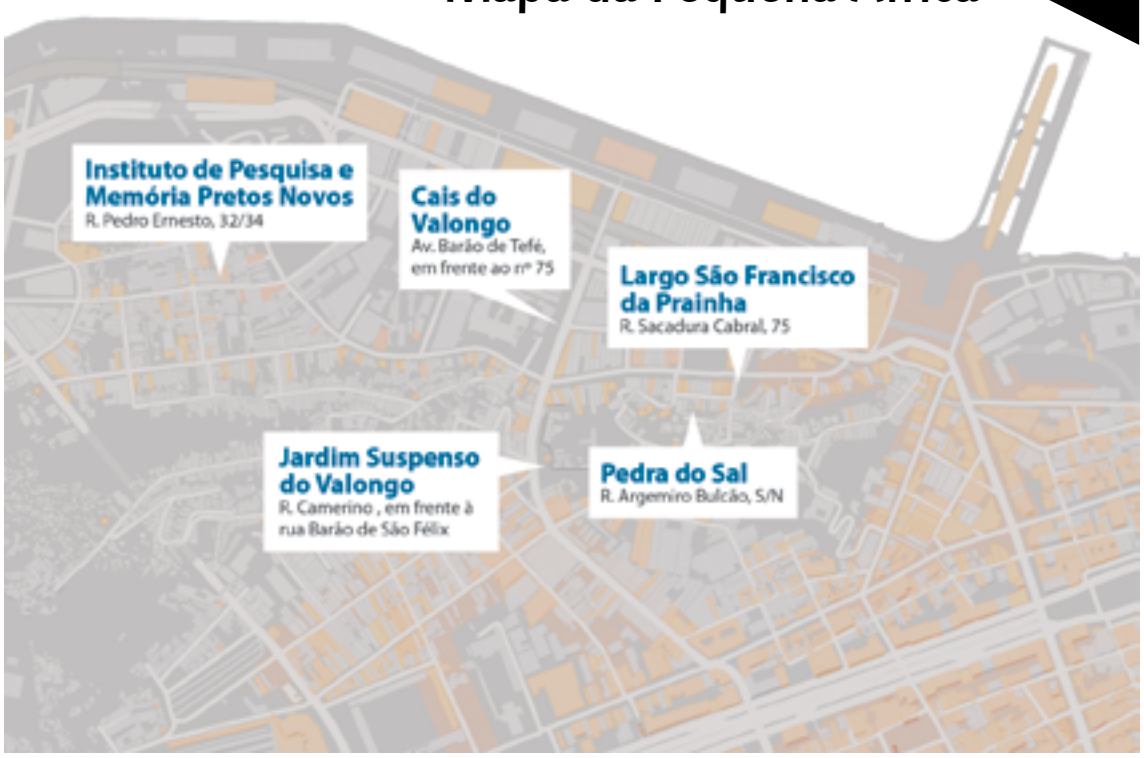
– Tornar o Cais do Valongo Patrimônio Mundial traz um significado todo especial porque ele é elevado à mesma categoria de outros Patrimônios Mundiais que são igualmente importantes, como Aushwitz, o campo de concentração na Polônia, e Hiroshima, no Japão, que também foram locais de sofrimento, e isso para nós, brasileiros, é algo de grande valia.

Segundo a professora, a nomeação pela Unesco ocorreu pela maior presença política de intelectuais negros comprometidos com a história e também a intervenção do Movimento Negro. Para ela, é importante a participação de universidades e professores na formação de profissionais comprometidos com a história da escravidão no país, e com preservação da memória.

O Cais foi indicado para Patrimônio pela Prefeitura do Rio de Janeiro e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Iamara afirma que a escolha é merecida, pois marca a luta dos negros contra a escravidão e contra a opressão. Para ela, é uma forma também de manter viva a memória do local.

– Eles resistiram do jeito que podiam, matavam os seus senhores com veneno porque conheciam plantas. Se suicidavam, as mulheres abortavam, tudo isso como forma de resistir. Tentamos recuperar parte da história do Brasil que ficou esquecida por muito tempo. É um lugar de memória extremamente forte, tendo em vista que nossos antepassados construíram o que temos hoje, econômica, política, cultural e socialmente falando.

Mapa da Pequena África



Educação: Por meio do autoconhecimento, NOAP auxilia jovens a escolher melhor a carreira

A conversa como guia vocacional

Serviço de orientação profissional para alunos é gratuito

MARCELO ANTONIO FERREIRA

Arthur Coutinho, de 21 anos, cursa Comunicação Social, mas, quando ingressou na Universidade, já acumulava experiências em áreas bem distintas. No Ensino Médio, se formou em técnico de enfermagem. Posteriormente, fez três períodos de engenharia na Uerj, mas desistiu da faculdade. E, mesmo com essa trajetória, confessa que tem dúvidas sobre que rumo tomar. Por isso, quando soube, no Meu Primeiro Dia na PUC, de um programa de atendimento psicológico para alunos, não titubeou e decidiu procurar ajuda. E, assim, chegou ao projeto de orientação vocacional desenvolvido pelo Núcleo de Orientação e Atendimento Psicopedagógico (Noap).

O programa de orientação profissional é coordenado pela psicóloga e professora Elisa Almeida, com mais três estagiárias de psicologia. De acordo com Elisa, é feita uma primeira entrevista de triagem para a equipe do Noap conhecer a pessoa e saber qual a necessidade dela. Com isso, é possível analisar se existe chance de ajudar ou não o estudante.

– Nosso trabalho de orientação é muito direcionado para a questão da insatisfação do curso. Às vezes, a pessoa gosta do curso, mas não sabe onde trabalhar, uma questão mais de carreira dentro das áreas. Em outras situações, os problemas são mais de nível emocional, que seria o caso de uma psicoterapia e não um trabalho voltado para a vocação.

O método do Noap se diferencia pela ausência de qualquer tipo de testes durante o processo. Elisa conta que a expectativa não é guiar o aluno para um curso específico, e sim potencializar o autoconhecimento por meio de conversas. E que a interdisciplinaridade é um dos fatores incentivados pelo Núcleo àqueles que consideram trocar de curso.

– Não usamos testes. Relaciona-se muito orientação vocacional a testes, como aqueles escolares ou de internet. Não trabalhamos assim. Primeiramente, ajudamos a pessoa a se conhecer melhor, como características, hobbys, profissão e estilos de vida que quer levar. Como o nosso objetivo é pensar no processo de escolha, colocamos também que existem vários caminhos possíveis, não apenas mudar de um curso para outro curso. Por exemplo, ela pode puxar disciplinas de outros departamentos.

LUCAS SIMÕES

Núcleo de Orientação e Atendimento Psicopedagógico (Noap) não usa testes vocacionais, mas promove diversos encontros psicopedagógicos

> “Nosso objetivo é pensar no processo de escolha, existem vários caminhos”
>
> Elisa Almeida

Coutinho conta que passou por outras experiências de orientação profissional, todas baseadas em testes, mas algumas delas apresentavam dinâmicas que ele qualifica como complicadas. O estudante considera que um sistema em que o aluno é levado a descobrir os caminhos por meio de uma série de diálogos é enriquecedor.

– O problema desses testes é que muitos estudantes acabam manipulando, e o resultado é o que ele deseja que saia, não aquilo que vai ajudá-lo. No Noap, não há aplicação de testes, as dinâmicas são diferentes, elas conversam e ouvem o jovem. Por meio da história e do que ele apresenta, encaminham para que chegue a algum resultado, ou pelo menos vislumbre onde tem que ir.

O número de encontros varia de caso para caso e, de acordo com a psicóloga, estudantes de todos os cursos procuram o serviço, tanto alunos como Coutinho, que estão no 1º período, como pessoas que já estão no fim da Universidade, no 7º ou 8º período. Elisa explica que o aluno passa por um momento de autorreflexão e é levado ainda a analisar o cenário que o cerca.

– Acreditamos que, a partir do momento em que a pessoa se conhece melhor, conhece os cursos dentro e fora da PUC, e ainda averigua o mercado de trabalho, ela mesma pode chegar a uma melhor conclusão. E ela pode perceber que o melhor caminho é permanecer no curso ou mudar.

Criado em 1982, o Noap, atualmente, integra a Rede de Apoio ao Estudante (RAE), um sistema da PUC-Rio constituído por cinco núcleos voltados para atendar as demandas estudantis relacionadas às necessidades especiais, acadêmicas, psicopedagógicas e psicológicas. Diante dos pedidos de atendimento de serviços psicopedagógicos para alunos da Universidade, em 2014, o Noap foi reestruturado. O espaço foi reformado e mais profissionais se juntaram ao núcleo, que também oferece auxílios em leitura e escrita, coordenados por professoras do Departamento de Letras.

Saúde: Técnica de treinamento mental proporciona uma maior liberdade interior e melhora a empatia nas interações

PEOPLECREATIONS/FREEPIK.COM

A meditação é um dos métodos essenciais para exercitar a mente e contribui para diminuir o estresse e manter o foco nas atividades diárias

Atenção plena para perceber o momento

Mindfulness já é praticada em escolas e grandes empresas

ELISSA TAUBLIB

Cada vez mais presente em estudos científicos, *mindfulness* (em português, atenção plena) se refere a uma maior consciência do momento presente. Com origem na palavra *sati*, da língua indiana antiga Pali, a técnica de treinamento mental ganhou popularidade no Ocidente a partir de 1979, quando o professor da Universidade de Massachussetts Jon Kabat-Zinn implementou o conceito em tratamentos hospitalares. Desde então, programas que utilizam ferramentas do *mindfulness*, como a meditação, são aplicados em times da National Basketball Association (NBA), na empresa Google, sistemas de saúde, escolas e prisões.

Em março deste ano, a Portaria do Ministério da Saúde incluiu terapias alternativas, como meditação e yoga, na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (Pnpic). Co-coordenadora do Núcleo de Meditação do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (Lipis – PUC-Rio), Viviane Giroto Guedes acredita que a aprovação dessa lei evidencia um reconhecimento atual do *mindfulness* pautado em pesquisa. Viviane, que é professora do Departamento de Psicologia, aponta para os estudos do Núcleo do Lipis em relação aos benefícios da meditação para a saúde e o bem-estar.

– A aplicação não tem, praticamente, contraindicação. Temos várias pesquisas em escolas, e vemos como muda toda a dinâmica. Porque, com a meditação, vem a empatia, e, com a empatia, temos compaixão, e tudo melhora – diz.

Instrutor de meditação certificado do curso *Cultivating Emotional Balance* (CEB), Duda Nascimento conta que o *mindfulness* é uma terminologia que foi empregada para substituir a meditação associada a praticas religiosas. Segundo ele, a apropriação do tema por diferentes autores em diversos contextos dificulta uma definição exata do conceito. Nascimento afirma, ainda, que atenção plena é apenas uma das interpretações possíveis da palavra, e comenta que essa tradução é usada no âmbito de estilo de vida. Ele explica que o *mindfulness* é uma capacidade mental presente em todas pessoas.

– É algo que se treina para se relacionar melhor, se estressar menos, ter mais empatia e foco no trabalho. Se fizer uma analogia com o corpo: quando ele não é treinado, é mais difícil de ser aproveitado no esporte. A mente, da mesma forma, tem características que devem ser exercitadas, para, assim, podermos trabalhar aspectos dela, como a atenção.

O professor de meditação destaca as implicações do funcionamento da mente e nota que a falta de atenção e a ansiedade podem gerar hormônios prejudiciais ao organismo. Nascimento alega que, por meio do *mindfulness*, é possível ter uma maior liberdade interior e flexibilidade mental para lidar com os fatos externos que fogem do controle individual.

– Vemos pessoas que têm todo o dinheiro que precisam, saúde, família, amigos, conseguiram tudo o que queriam do mundo externo, mas não estão felizes. O que elas precisam fazer? Olhar para dentro. A meditação traz a possibilidade de olhar para dentro de forma organizada.

De acordo com professora Regina Montedonio, do Departamento de Letras, a mídia propaga uma imagem do *mindfulness* como relacionado sempre à meditação ou focado apenas no bem-estar pessoal. Para ela, que conduz há cerca de dez anos uma pesquisa sobre o assunto na área linguística, o conceito é ainda mais abrangente e parte, sobretudo, do autoconhecimento.

– Antes de tudo, cada um conhecendo melhor a si mesmo e seus limites e se percebendo melhor nas interações. Na escuta da língua falada, por exemplo, a nossa atitude é muito mais uma de preparar o que vamos dizer do que estar ali atento ao outro, aberto, sem estar com os pensamentos prontos.

A pesquisadora alega que o *mindfulness* é, hoje, considerado por muitos uma ciência, aplicável em qualquer área do conhecimento humano. Ela defende que, apesar de ser essencial, a meditação é apenas um dos instrumentos do *mindfulness*, e aponta para a leitura atenta como outra ferramenta importante. Regina explica que esse método se relaciona a uma coautoria com o texto, diferente da leitura com a intenção de só obter informação e conhecimento.

– No workshop que ministrei sobre *mindfulness* e a arte da leitura, discuti como lemos o mundo, o outro e o texto – literário ou não – a partir dessa leitura diferenciada. No dia a dia, é tudo que você lê começando com o Whatsapp, com o e-mail. Excluir um pouco a célebre multitarefa: quando estiver lendo o Whatsapp, leia o Whatsapp. Não à toa que há tanta má interpretação. Então, começa de uma forma simples: parar e manter o foco de forma a se observar na leitura.

Ecossistema: Nima e Escola Médica fazem parceria em nove canteiros com legumes, verduras e ervas medicinais

O verdejar das hortas urbanas

Projeto visa diminuir o desperdício de plantações de produção contínua

BELL MAGALHÃES

FOTOS LUCAS SIMÕES

Gerente de Projetos Ambientais do Nima, professor Roosevelt Fideles na primeira horta, no telhado da CCE

Após um ano da criação da Horta Orgânica Familiar, no telhado da Coordenação Central de Extensão (CCE), no campus da Universidade, o Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente (Nima) inaugurou um outro canteiro na Escola Médica. O plantio começou em julho: as hortaliças foram distribuídas em nove canteiros: quatro de 4m², três de 5m² e dois canteiros de 3m². Além dos legumes e verduras, ervas medicinais como boldo-do-chile, pimenta e hortelã são cultivadas no terreno do Departamento de Medicina, no alto da Gávea,

A nova etapa da iniciativa tem o objetivo de analisar e assimilar as variabilidades microclimáticas das duas regiões. Assim será possível melhorar as expectativas de colheita. As hortas são administradas por um plano de colheita, desenvolvido há 20 anos pelo grupo e adaptado para um software on-line (www.hortelar.com/login.php), que monitora e diminui o desperdício das hortas urbanas de produção contínua.

> **“Queremos expandir o projeto e conscientizar mais pessoas”**
>
> Roosevelt Fideles

Canteiros de hortaliças do Departamento de Medicina, cujo plantio começou em fevereiro deste ano

O localismo, conjunto que engloba temperatura, umidade, e radiância – quantidade de sol que a plantação recebe diariamente –, é fator determinante para o tempo de plantio e colheita.

O diretor do Nima, professor Luiz Felipe Guanaes, percebeu a necessidade da atualização dos dados para garantir a demanda sustentável da horta. O modelo, segundo o professor, é genérico e faz com que as tarefas sugeridas pelo sistema não sejam compatíveis com o estado real da horta. Por meio de estações climatológicas, o grupo de pesquisa será capaz de medir as variáveis climáticas das duas regiões, CCE e Escola Médica, analisar as sequências e estabelecer as devidas correções.

– No futuro, a ideia é fazer um software mais inteligente, que ele consiga se adaptar ao localismo. A gente quer que a pessoa que use o sistema identifique essas variantes, coloque no programa, e as alterações necessárias sejam feitas. O trabalho, que é de pesquisa, é tentar manter o modelo de produção contínua e formatar melhor a programação.

Como o projeto necessita de uma sistemática de colheita contínua, é preciso medir todas as saídas, ou seja, as colheitas, como as entradas, que são sementes, irrigação, chuva e adubo. Por isso, o geógrafo criou a disciplina chamada Manejo ecológico de solo em ambiente tropical em áreas urbanas, onde toda a prática do curso será feita nas duas hortas. Os alunos, acompanhados por monitores, serão inseridos na pesquisa durante o próprio processo de aprendizado.

Com o aperfeiçoamento da atividade, a intenção de Guanaes e da equipe do núcleo é tornar o site disponível para o público. Para isso, é preciso entender a variável de cada microclima e como ela interfere no trato cultural. Durante três anos, ciclos de plantio serão implantados para completar a base de dados com colheitas e clima controlados para fazer uma relação estatística. Apesar do intuito de pesquisar, o objetivo principal é criar um método que permita que a horta cumpra o papel de fornecer uma quantidade e uma variedade de hortaliças que seja condizente com o consumo de quem as usa. Segundo o professor Roosevelt Fideles, gerente de Projetos Ambientais do NIMA, o trabalho é capaz de mostrar que é possível desenvolver uma horta saudável e sustentável, mesmo nos menores espaços.

– Hortas desse tipo têm objetivos socioambientais, porque além de as pessoas consumirem alimentos frescos e livres de pesticidas, a sociedade acaba trabalhando em prol da manutenção da horta. Ainda queremos expandir o projeto e conscientizar mais pessoas sobre os benefícios das hortas urbanas.

Além da necessidade de abastecimento, a criação de hortas urbanas contribui para a revitalização de espaços na cidade. Com o processo de urbanização e impermeabilização, as cidades se tornam bolsões de calor nas estações quentes do ano e contribuem com a secagem de rios, uma vez que o asfalto permite o acúmulo de sedimentos pelo depósito de terra, areia e argila nas margens de rios. De acordo com Guanaes, a agricultura deve se tornar uma política urbana.

– A horta orgânica é uma forma de devolvermos para o meio ambiente tudo o que tiramos dele. Pode ser a criação de hortas, jardins, pomares. O verdejar da cidade pressupõe o aumento da própria sustentabilidade, na medida em que toda a matéria orgânica que seria descartada em um aterro sanitário passa a ser tratada totalmente diferente – conclui.

Criatividade: Lettering é um conceito artistíco que mistura poesia, caligrafia e personalidade

Inovação na arte de desenhar letras

Trabalhos são feitos com caneta, pincéis ou digitalmente

FOTOS LUCAS SIMÕES

Aluna de Design da PUC, Camila Sant'anna divulga as obras na universidade

Marcelle Pepe é a idealizadora do Paroles, que nasceu há três anos

A Justine Hack Ilustrações veio de uma união entre desenho e lettering

THAÍS SILVEIRA

Uma nova expressão artística que une desenho, design e poesia: essa é a base do lettering, que pode ser definido como a arte de desenhar letras. De origem inglesa, o nome vem de *letter*, que significa letra, e da partícula *ing*, que indica ação. A técnica pode ser feita artesanalmente, com canetas e pincéis, ou de forma digital. Nos dois casos, é um trabalho personalizado, porque, diferentemente da caligrafia, o lettering não segue modelos pré-determinados.

Com o lema *Vem, que a poesia vai dominar o mundo*, o Paroles é um caso da combinação entre o lettering e trocadilhos poéticos. Idealizada pela estudante de Comunicação Social Marcelle Pepe, a marca foi criada em 2014. Tanto as frases quanto a arte dos quadros são de autoria de Marcelle, que diz tirar a inspiração de qualquer lugar ou momento do dia a dia. Um dos letterings famosos do Paroles - "Maior que uma perda, só um perdão"- surgiu de um erro de digitação em uma conversa por mensagem de texto com uma amiga.

– Gosto de dizer que fui picada pelo trocadilho. É preciso ter um olhar treinado para enxergar e buscar referências. Não sou eu que crio, me é dado e eu vou pintando.

A falta de inspiração já foi, inclusive, um lettering do Paroles: "Se um dia a fonte secar, a gente muda a letra". Ao longo dos três anos da marca, Marcelle aprendeu a se reeinventar. Prova disso são as canecas e as ecobags estampadas com letterings dela que foram lançadas na Feira de Novos Empreendedores da PUC. Para a designer e ex-aluna da PUC Justine Hack, da Justine Hack Ilustrações, que também expôs na feira, o estímulo costuma vir da música, porque, segundo ela, o trabalho dela é um reflexo do que sente.

– O lettering surgiu na minha vida por meio dos desenhos. Eles representam os meus sentimentos. Em uma aula de design da faculdade, resolvi trazer a letra para o desenho.

> "Se uma pessoa aprende a fazer lettering comigo, ela não vai criar um Paroles"
>
> Marcelle Pepe

Aluna de Design, Camila Sant'anna começou a desenhar em beiras de cadernos e sempre gostou de ilustrar mandalas e letras. Ao juntar as duas paixões, ela descobriu o lettering. Depois, começou a pesquisar por referências e fez um workshop para aprimorar a técnica. A estudante chegou a vender para várias cidades do Brasil com o Instagram ArtFic, mas atualmente assina como Camissant. Os planos dela são fazer lettering em blusas e canecas e aumentar a produção. Ela diz que prefere fazer o trabalho à mão, mas, às vezes, digitaliza-o depois para fazer uma logo, por exemplo. Camila explica que não é preciso ter materiais caros.

– Gosto muito de fazer lettering só com lápis, caneta e borracha. Pode ter alguma letra torta, algum borrado, mas foi uma pessoa que fez. Acho mais artístico.

Justine também faz todos os letterings e ilustrações à mão, mas vetoriza alguns para conseguir uma regularidade com o traço do computador. Ela já fez workshop de caligrafia e de aquarela, porém, costuma aprender sozinha. A primeira exposição foi em um restaurante em Ipanema, mas a Feira de Novos Empreendedores foi a maior exposição que já participou. Ela conta que, até este ano, nunca tinha pensado em uma identidade visual própria, mas, ao reunir os trabalhos na mostra, viu que os desenhos tinham uma unidade.

– Sempre ilustrei para mim mesma. Expor foi uma das melhores experiências da minha vida, porque foi muito bom ver o carinho das pessoas com o meu trabalho. É uma grande paixão, encontrei o meu caminho. Não sei se vou fazer do lettering e das minhas ilustrações uma profissão, mas quero inspirar as pessoas – comenta.

Marcelle ressalta que o ambiente universitário foi importante para desenvolver a marca. Da Universidade vieram incentivadores, os primeiros clientes e até inspiração. Ela lembra que o início era mais artesanal e que, hoje, a produção é mais voltada para a venda no comércio. Observa, ainda, que é difícil unir arte com negócios, pois os trabalhos artísticos levam um certo tempo.

As encomendas significam também um desafio. Segundo ela, nem sempre é possível entregar um trabalho que tenha a essência dela, porque depende do pedido do cliente. Porém, há uma liberdade em comandar o próprio negócio. Assim como Camila e Justine, Marcelle pretende ministrar workshops.

– Ensinar é uma parte muito legal dos projetos de hoje. O Brownie do Luiz, por exemplo, disponibiliza a receita no site e isso não faz as pessoas pararem de comprar. O que é vendido é um conceito, um modelo de negócio. Se uma pessoa aprende a fazer lettering comigo, ela não vai criar um Paroles.

1989

2009

30 ANOS DE PAIXÃO POR CONSTRUIR

Pessoas são obras vivas em mutação. Nossa missão é desenvolver a completude de cada um. Usamos o afeto como caminho do saber e o saber como insumo da autoria, do protagonismo.

Somos todos criadores.
Professores, alunos e funcionários apaixonados pelo o que fazem.

COMUNICAR 30 ANOS

PUC RIO
VICE-REITORIA COMUNITÁRIA